



POR UMA INDIGNAÇÃO ANTIRRACISTA E DIASPÓRICA: NEGRITUDE E AFROBRASILIDADE EM TEMPOS DE INCERTEZAS¹

Nilma Lino Gomes²

Resumo: O artigo apresenta a discussão feita pela autora durante a conferência de abertura do II Congresso Brasileiro de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros da Região Sudeste - II Copene Sudeste – com o tema “Negritude e Afrobrasilidades em Tempos de Incertezas”, realizado entre os dias 27 de Fevereiro a 02 de Março de 2018, no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem como objetivo central a seguinte reflexão: para quem luta cotidianamente contra o racismo, os tempos sempre foram de incerteza diante da capacidade de a sociedade brasileira rever a si mesma e jogar fora o seu racismo. Uma sociedade que esconde e guarda o racismo atrás do discurso da democracia racial, da mestiçagem, da diversidade, mas, que sempre o revela publicamente quanto mais se acirram os tempos de recrudescimento da direita e da onda neoconservadora. Nesse contexto, existe um ator político central no processo de luta antirracista e de reeducação da sociedade, do Estado e da universidade: o movimento negro. Ele é o protagonista das lutas por emancipação no decorrer da história política brasileira, a partir do século XX.

Palavras-chave: Brasil; Racismo; movimento negro; conhecimento; emancipação social.

BY AN ANTIRACIST AND DIASPORIC INDIGNATION: NEGRITUDE AND AFROBRASILIDADE IN TIMES OF UNCERTAINTIES

Abstract: The article presents the discussion made by the author during the opening conference of the II Brazilian Congress of Black Researchers - II Copene - with the theme Negritude e Afrobrasilidades in times of uncertainty, held between February 27 and March 2, 2018, at the Pampulha Campus of the Federal University of Minas Gerais. Its central objective is the following reflection: for those who struggle against racism on a daily basis, times have always been uncertain given the capacity of Brazilian society to review itself and to throw away its racism. A society that conceals and keeps racism behind the discourse of racial democracy, miscegenation, and diversity, but which always reveals it publicly the more they intensify the times of recrudescence of the right and neoconservative wave. In this context, there is a central political actor in the process of antiracist struggle and re-education of society, state and university: the black movement. He is the protagonist of the struggles for emancipation in the course of Brazilian political history, from the twentieth century.

Key-words: Brazil; Racism; black movement; knowledge; social emancipation.

PAR UNE INDIGNATION ANTIRACISTE ET DIASPORIQUE: LA NEGRITUDE ET AFROBRASILIDADE EN PERIODE D'INCERTITUDE

¹ Palestra proferida durante a conferência de abertura do II Congresso Brasileiro de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros - II Copene – com o tema Negritude e Afrobrasilidades em tempos de incertezas, realizado entre os dias 27 de Fevereiro a 02 de Março de 2018, no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais. A reflexão aqui apresentada integra os estudos realizados pela autora na pesquisa “Por uma pedagogia pós-abissal: movimento negro e conhecimentos emancipatórios” (Bolsa de Produtividade em Pesquisa, CNPQ, 2018-2021).

² Professora Titular da Faculdade de Educação da UFMG. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ. Integrante do Programa Ações Afirmativas na UFMG.



Résumé: L'article présente l'argument avancé par l'auteur lors de la conférence d'ouverture du II Congrès brésilien des chercheurs et noir Les chercheurs de la région du Sud-Est - Sud-Est II Copene - avec le thème « Négritude et Afrobrasilidades dans un contexte économique incertain », a eu lieu entre le 27 Février le 2 mars 2018, au Campus Pampulha de l'Université fédérale de Minas Gerais. Il vise à la réflexion suivante: pour ceux qui luttent chaque jour contre le racisme, les temps ont toujours été l'incertitude sur la capacité de la société brésilienne à se revoir et se débarrasser de leur racisme. Une société qui se cache et maintient le racisme derrière le discours de la démocratie raciale, mestizaje, la diversité, mais qui révèle toujours publiquement la mode plus vous vers le bas, stimuler la repousse des fois la vague droite et néo-conservatrice. Dans ce contexte, il est un acteur politique central dans le processus de lutte contre le racisme et la rééducation de la société, l'Etat et l'université: le mouvement noir. Il est le protagoniste des luttes pour l'émancipation au cours de l'histoire politique brésilienne, du XXe siècle.

Mots-clés: Brésil; Racisme; Mouvement noir; Connaissance; Émancipation sociale.

POR UNA INDIGNACIÓN ANTIRRACISTA Y DÍASPÓRICA: NEGRITUD Y AFROBRASILIDAD EN TIEMPOS DE INCERTIDUMBRES

Resumen: El artículo presenta la discusión hecha por la autora durante la conferencia de apertura del II Congreso Brasileño de Investigadoras e Investigadores Negros de la Región Sudeste - II Copene Sudeste - con el tema "Negritud y Afrobrasilidades en Tiempos de Incertezas", realizado entre los días 27 de Febrero el 2 de marzo de 2018, en el Campus Pampulha de la Universidad Federal de Minas Gerais. Tiene como objetivo central la siguiente reflexión: para quienes luchan cotidianamente contra el racismo, los tiempos siempre fueron de incertidumbre ante la capacidad de la sociedad brasileña de revisar a sí misma y tirar su racismo. Una sociedad que esconde y guarda el racismo detrás del discurso de la democracia racial, del mestizaje, de la diversidad, pero que siempre lo revela públicamente cuanto más se agravan los tiempos de recrudescimiento de la derecha y de la ola neoconservadora. En ese contexto, existe un actor político central en el proceso de lucha antirracista y de reeducación de la sociedad, del Estado y de la universidad: el movimiento negro. Él es el protagonista de las luchas por emancipación en el transcurso de la historia política brasileña, a partir del siglo XX.

Palabras-clave: Brasil; Racismo; movimiento negro; conocimiento; emancipación social.

O tema proposto pelo II Copene Sudeste, *Negritude e Afrobrasilidades em tempos de incertezas* nos convoca a refletir sobre uma pauta que nunca deixou de fazer parte das ações políticas, sociais, culturais e intelectuais da comunidade negra: a urgente e necessária afirmação da negritude, no Brasil.

Kabengele Munanga, no seu livro “Negritude: usos e sentidos” afirma que: “Se historicamente a negritude pode ser entendida como uma reação racial negra a uma agressão racial branca. Por isso, não poderíamos entendê-la e cercá-la sem aproximá-la com o racismo do qual é consequência e resultado” (Munanga, 2009, p.15).

Negritude e identidade negra, explica o autor, embora estejam relacionadas com a cor da pele negra e às leituras que sobre esta recaem ou lhe são impostas, não são



essencialmente de ordem biológica. Elas colocam em diálogo algo mais profundo que atravessa a história dos povos africanos e da diáspora tornando-se um ponto comum: o fato de terem sido na história: (...)“vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (...)” (Munanga, 2009, p.20).

Por isso, a luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente.

Retomar de forma incisiva a urgência da luta antirracista depois de 18 anos de Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) pode parecer estranho para alguns, pois, afinal, tivemos muitos avanços nos últimos anos. Por que ainda temos que insistir na luta e não podemos descansar em tempos que parecem ser de trégua?

Para aquelas e aqueles que se sabem negras e negros, bem como para os aliados da luta antirracista, que lutam contra o racismo e as desigualdades e em prol da igualdade racial e da democracia, esse alerta nunca é demais.

Por quê? Porque, desde o dia 31 de agosto de 2016, o Brasil vive a manobra política conservadora de grupos capitalistas, fundamentalistas, ruralistas, apoiados por vários setores do judiciário e com maioria de representação no Congresso Nacional, que conseguiram impor o impeachment da primeira mulher legitimamente eleita presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, o nosso país vive tempos de muitas incertezas e ataque à institucionalidade democrática.³

Incertezas políticas diante de um impeachment que, hoje, comprovadamente, para aquelas e aqueles que lutam pela democracia, foi um duro golpe parlamentar que incidiu sobre a sociedade brasileira e as conquistas das lutas sociais desencadeadas, principalmente, após a queda da ditadura militar instaurada nos anos 60 e derrotada nos anos 80. Incertezas diante das investidas de aniquilamento dos direitos garantidos aos

³ Em 31/08/2016, o Senado Federal aprovou, numa votação em plenário, o impeachment da primeira mulher eleita presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. A aprovação aconteceu mesmo sem comprovação de que a então presidenta tivesse cometido crime de responsabilidade fiscal, única possibilidade constitucional para se interromper um mandato presidencial no Brasil. Dessa irregularidade política e jurídica, assumiu o poder executivo um governo considerado ilegítimo que passou a implementar, em articulação com a ala conservadora do Congresso Nacional, uma série de retrocessos nas políticas sociais e nos direitos trabalhistas conquistados pela população brasileira desde o século XX. O país passou a viver tempos duros de realinhamento da política capitalista e neoliberal, apoiado pela grande mídia, empresários, ruralistas e setores do judiciário.



trabalhadores e trabalhadoras desde os anos 30 e aprimorados na Constituição Federal de 1988. Incertezas econômicas diante de um capitalismo internacional realinhado e opressor; incertezas culturais diante do crescimento da cultura do ódio, da intolerância e do racismo religioso; incertezas sociais diante do aumento da pobreza, das desigualdades e da violência; incertezas educacionais diante de retrocessos nas políticas educacionais, da vigilância conservadora e autoritária no que se refere às questões de gênero, diversidade sexual e raça; incertezas emocionais diante da força psicológica e destruidora do racismo, principalmente, sobre a autoestima de tantas crianças, jovens e adultos negros e pobres.

Tempos de EC 95/2016, que congela por 20 anos os recursos públicos destinados, principalmente, para a saúde, educação e assistência, tempos de aumento do desemprego, do aumento dos assassinatos de lideranças quilombolas, indígenas e de defensores dos direitos humanos, de reforma trabalhista, de lei da terceirização, de tentativa de reforma da previdência, da proposta conservadora de uma Escola Sem Partido, de aumento da LGBTfobia, de ataque aos direitos humanos, do genocídio da juventude negra, de aumento do feminicídio negro. Tempos de intervenção do exército no Rio de Janeiro, autorizada pelo governo federal e pelos setores conservadores do Congresso Nacional com a desculpa de “guerra às drogas” e maior segurança pública à população, mas que, na realidade, é um tempo de guerra aos pobres, à favela, à população preta e parda pobre.

Os tempos de incertezas que vivemos no ano de 2018 são expressão de um golpe do século XXI, capitalista, racista, patriarcal heteronormativamente orientado, fundamentalista, midiático, parlamentar e jurídico que assola não somente o Brasil, mas vários outros países da América Latina e a tão difícil e sonhada articulação Sul-Sul.

Para quem luta cotidianamente contra o racismo, os tempos sempre foram de incerteza diante da capacidade de a sociedade brasileira rever a si mesma e jogar fora o seu racismo. Uma sociedade que esconde e guarda o racismo atrás do discurso da democracia racial, da mestiçagem, da diversidade, mas, que sempre o revela publicamente quanto mais se acirram os tempos de recrudescimento da direita e da onda neoconservadora. Quanto mais a democracia é colocada em risco.

Não vivemos apenas tempos de incertezas, no entanto. A cada incerteza vivida certezas amadurecem e se fazem vivas. Talvez a maior delas é o quanto se faz

necessário a tomada de consciência, a afirmação e a construção de uma solidariedade entre as vítimas do racismo, possibilitando uma forte reação antirracista.

Juntemos a essa certeza o fato de que somos negras e negros da diáspora africana e o Brasil é nossa terra por conquista e por direito. Nele construímos, enraizamos e expandimos a nossa afrobrasilidade. Sim, acredito que existe um jeito negro de ser, de viver, de fazer política, arte, cultura, música, educar e produzir conhecimento. Isso não é essencialismo. É construção histórica, cultural, política e ancestral.

A certeza de que nós, negras e negros brasileiros, construímos e produzimos afrobrasilidade(s) não foi e nem é aprendida na escola. Essa certeza tem sido ensinada e aprendida no contexto das lutas sociais antirracistas e tem como protagonista as diversas formas de luta e resistência negras. Dentre elas, destaco a ação, as reivindicações, as denúncias e a luta do Movimento Negro brasileiro.

A FORÇA EDUCATIVA DO MOVIMENTO NEGRO

Parto do pressuposto de que todas e todos, direta ou indiretamente, fomos e somos educados e reeducados pelo Movimento Negro. Negros, brancos, indígenas, descendentes dos asiáticos, árabes, judeus e de outros povos do mundo que vivem no Brasil, aprendemos e reaprendemos sobre a luta antirracista – quer concordemos ou não com ela – por meio da ação pedagógica do Movimento Negro, o qual é herdeiro das muitas lutas das africanas e africanos escravizados no Brasil, bem como das primeiras formas de associação e organização negras pós-abolição e do início do século XX.⁴

Ao falar em Movimento Negro não me refiro a uma entidade específica, mas às ações organizadas empreendidas por mulheres e homens negros na luta contra o racismo e pela afirmação das identidades negras.

Entendo como Movimento Negro:

(...) “ as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento com as barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes

⁴ As partes que se seguem inspiram-se largamente nas discussões por mim realizadas e registradas no meu livro *O movimento negro educador*, o qual consta nas referências bibliográficas.



espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, a ancestralidade africana e o continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como movimento negro. É preciso que nas ações desse coletivo *se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo*. Postura essa, que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista (Gomes, 2017, p.23 e 24).

A interpretação da raça como estrutural e estruturante para se compreender a complexidade do quadro de discriminação e desigualdades no Brasil, realizada pelo movimento negro, aos poucos, passou a ocupar espaço nas análises sociológicas e entre os formuladores de políticas públicas. Sueli Carneiro (2002, p. 7) argumenta que “os atuais dados da desigualdade racial conferem autoridade às denúncias dos movimentos negros contemporâneos sobre as diferenças de direitos e oportunidades existentes em nossa sociedade em prejuízo da população negra”.

Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000, p. 105) afirmam: “(...) sem esse ator coletivo jamais teríamos pautado o tema do racismo e da discriminação étnico-racial nas agendas políticas e da justiça brasileira”.

O movimento negro é um educador, um ator coletivo e político que reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a Diáspora africana.

Articulados às práticas e intervenções do Movimento Negro e sendo reeducados direta ou indiretamente por ele, também é possível encontrar, no Brasil, vozes e corpos negros anônimos que atuaram e ainda atuam na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores, do trabalho, da cultura e da vida da população negra, no Brasil. São as negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãs e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. Todos são, de alguma forma, herdeiros da sabedoria e dos ensinamentos do Movimento Negro.

MOVIMENTO NEGRO E A PRODUÇÃO DOS SABERES EMANCIPATÓRIOS



No reconhecimento do Movimento Negro como educador, organizo o seu legado epistemológico intrínseco, como produtor de um tipo específico de conhecimento: o conhecimento nascido na luta.⁵ Um conhecimento que quanto mais se consolida, mais tem a capacidade de transformar a sua própria forma de ver, perceber e interpretar os problemas que motivam a sua luta. Um conhecimento que se organiza na forma de produção intelectual e de práticas políticas, sociais e pedagógicas.

A essa organização político-epistemológica denomino como saberes ou conhecimentos emancipatórios produzidos historicamente pela população negra, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro.

Esses saberes/conhecimentos têm provocado transformações na sociedade brasileira. É importante lembrar, retomar, analisar e enfatizar com orgulho esses saberes/conhecimentos, pois eles fazem parte da nossa história de luta contra o racismo e em prol da igualdade racial e da democracia. As negras e os negros que lutam contra o racismo, fazem parte dessa história e são produtores desses saberes/conhecimentos.

Nesses tempos de incertezas é importante refletir sobre o quanto a população negra organizada tem sido assertiva e capaz de realizar importantes transformações na sociedade brasileira desde que o primeiro ancestral africano colocou os pés nessa terra que hoje se chama Brasil.

SABERES EMANCIPATÓRIOS: MANTENDO ACESA A CHAMA DA ESPERANÇA E DA LUTA

É de suma importância retomar e enfatizar esses saberes/conhecimentos para que a nossa chama de esperança não se apague e o nosso sentimento de indignação diante das injustiças, do racismo e das desigualdades não nos imobilize, mas nos redirecione rumo à construção de outros caminhos políticos e pedagógicos e de novas estratégias na luta antirracista.

Discutamos, então, um pouco sobre esses saberes/conhecimentos.

a) os saberes identitários

O Movimento Negro, principalmente no contexto das ações afirmativas, recolocou o debate sobre a raça no Brasil. Mesmo com críticas, há um aumento da institucionalização do uso das categorias de cor do IBGE nos formulários e nos censos

⁵ Ver a reflexão sobre o meu trabalho, realizada pelo professor Boaventura de Sousa Santos, no prefácio do livro *O movimento negro educador*. (Gomes, 2017, p.9-12).

educacionais, trazendo a autodeclaração racial para o universo e para o cotidiano dos brasileiros. O debate sobre quem é negro e quem é branco invade a vida das brasileiras e dos brasileiros de uma forma diferente extrapolando os espaços da militância e da discussão política.

Assistimos, nas redes sociais, a uma profusão de páginas pessoais, de figuras públicas, artistas e de grupos juvenis publicadas por pessoas negras que escrevem sobre a experiência de ser negro, denunciam o racismo, transmitem informações, dão dicas de beleza e cuidados com a pele e o cabelo crespo. Discussões como apropriação cultural, colorismo, racismo, ações afirmativas são realizadas na vida on-line e off-line de maneira crítica, política e posicionada pelos sujeitos negros.

Uma nova visibilidade da questão racial e da identidade negra, de forma afirmativa, se faz presente na literatura, nas artes, no campo do conhecimento. Os diferentes grupos do movimento negro passaram a ganhar mais espaço na cena pública e política afirmando a identidade negra e sua complexidade, inclusive, no campo político-partidário.

Questões como a violência contra a mulher negra e o genocídio da juventude negra que fazem parte das denúncias históricas do movimento negro passaram a ser incorporadas, mesmo que ainda lentamente, das preocupações de pesquisadores, ONGs e poder público. O recorte raça/cor passa a ser inserido como uma categoria de análise importante para se compreender a realidade de gênero, juvenil, racial, de trabalho, regional e de pobreza no Brasil. Os dados alarmantes desvelados pelos estudos realizados com esse recorte comprovam as denúncias do movimento negro. A identidade negra passa a ser tematizada de um outro lugar. Aos poucos, o Brasil vai compreendendo que ser negro e negra e afirmar-se como tal é um posicionamento político e identitário que causa desconforto nas elites e nos poderes instituídos e que o uso da força e da violência, uma das estratégias antigas do racismo, tem sido uma tentativa de fazê-los calar.

O Movimento Negro tem conseguido expandir a politização da raça e da identidade negra para lugares nos quais elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas.

b) os saberes políticos

A Universidade, os órgãos governamentais passaram a tematizar sobre as desigualdades raciais. As pesquisas e políticas educacionais, os indicadores de avaliação



escolar, o campo da antropologia, da sociologia, da história e da saúde começam a dar um outro destaque a questão racial. O campo do direito começa a ser pressionado para dar repostas que contemplem a justiça social e a diversidade.

O debate político sobre a raça é recolocado no Brasil em outros moldes, trazendo à cena pública posições que desde a ditadura pareciam ter sido superadas e desvelando que algumas heranças do racismo científico permanecem até hoje, mesmo entre os intelectuais considerados progressistas.

A raça, na sua concepção ressignificada, passa a ser um critério para superar desigualdades, por meio da adoção de políticas públicas institucionalizadas por lei, tais como as Leis 12.288/10 (Estatuto da Igualdade Racial) 12.711/12 (Lei de cotas sociorraciais nas instituições federais de ensino superior) e Lei 12.990/14 (cotas nos concursos públicos federais).

As intelectuais negras e negros se organizam, em 2000, e fundam a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, a qual é responsável pela realização bianual dos Congressos Brasileiros de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros (COPENE) e dos COPENES regionais. Nas universidades e faculdades, organizam-se Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs), responsáveis pela realização de pesquisas, projetos de extensão, formação de professores, pelos debates políticos e acadêmicos sobre as cotas no ensino superior.

A questão racial passa a ocupar um outro lugar político no campo da produção do conhecimento e, aos poucos, as instituições de ensino superior começam a inserir História da África, relações étnico-raciais e diversidade, gênero e relações étnico-raciais como disciplinas optativas, eletivas e obrigatórias nos currículos, demandando concursos públicos específicos para essa área. Além disso, por meio da aplicação da Lei 12.990/14, algumas instituições públicas começam a realizar concursos para docentes do ensino superior reservando vagas para candidatos negras e negros.

Algumas universidades já realizam as cotas na pós-graduação, em atendimento à Portaria Normativa 13/2016, do Ministério da Educação. Para cumprir com a legislação e garantir os direitos da população negra às ações afirmativas gestores, intelectuais, profissionais de várias áreas necessitam conhecer mais sobre a temática racial e são obrigados a revelar a sua ignorância e recorrer àquelas e àqueles que têm competência e expertise sobre o assunto. Nesse momento, intelectuais, pesquisadoras, pesquisadores e ativistas do movimento negro são chamados a opinar. Os saberes políticos construídos e



sistematizados pelo movimento negro entram em ação, dialogando com os outros saberes e ignorâncias.

Contra o racismo epistêmico, há, aos poucos, o reconhecimento de que as negras e os negros são sujeitos políticos e de conhecimento e têm competência para falar sobre a questão racial, no Brasil, e também sobre os mais variados temas.

O Movimento de Mulheres Negras merece destaque quando refletimos sobre os saberes políticos. A ação das ativistas negras constrói saberes e aprendizados políticos, identitários e estéticos-corpóreos específicos. As ativistas negras indagam o machismo dentro do próprio Movimento Negro e desafiam os homens ativistas a repensarem, mudarem de postura e de atitude nas suas relações políticas e pessoais com as mulheres. Denunciam a violência machista dentro do próprio movimento negro e demais movimentos sociais, nas relações domésticas, nas disputas internas quer sejam no emprego, nos movimentos, nos sindicatos e nos partidos. Elas reeducam homens e mulheres negros, brancos, de outros pertencimentos étnico-raciais e a elas mesmas.

As questões de raça e gênero só se tornaram mais destacadas no movimento feminista devido à denúncia das mulheres negras organizadas no feminismo negro de que, apesar do caráter progressista dessas lutas, a invisibilidade dada à questão racial, ao racismo e à violência contra a mulher negra atuam como uma regulação conservadora dentro dos próprios espaços de emancipação social. Essa ação tem desencadeado não somente reflexões e ações políticas como, também, a presença da raça como categoria de análise para se compreender o machismo, o sexismo, as desigualdades sociais e as reedições do capitalismo nacional e internacional.

As mulheres negras também trouxeram como tema de denúncia e de luta a violência que atinge as comunidades quilombolas, a intolerância religiosa, o genocídio da juventude negra, a LGBTfobia, o feminicídio de mulheres negras e a ditadura da beleza eurocentrada.

O protagonismo das mulheres negras, no Brasil, assumiu um destaque quando da realização da Marcha Nacional das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e pelo Bem Viver, no dia 18 de novembro, em Brasília.

c) os saberes estéticos-corpóreos

A partir do ano 2000, há uma politização da estética negra diferente do final dos anos 70 e início dos 80 e 90 do século XX.



A estética negra passou a ser compreendida como parte do direito da cidadania e da vida das mulheres e homens negros. Ela se faz presente de forma mais pública e contundente a partir do advento das políticas de ações afirmativas. As políticas de ações afirmativas reeducam as negras e os negros na sua relação com o corpo e também reeducam a sociedade brasileira no seu olhar sobre o corpo negro.

A partir do advento das políticas de ações afirmativas, configurou-se também um outro perfil de juventude negra que se afirma por meio da estética e da ocupação de lugares acadêmicos e sociais. Juventude essa, na sua maioria periférica, e que aprendeu a ter orgulho de ser negro e da periferia, numa postura afirmativa e realista.

O olhar dos jovens negros de hoje é muito mais firme e afirmativo do que o olhar da geração que os antecedeu. Encaram o “outro”, discutem, posicionam-se, afirmam suas diferentes sexualidades. As jovens negras discutem e praticam mais abertamente o feminismo negro, indagam a lógica de classe média das feministas brancas, cobram dos companheiros uma postura não violenta, realizam debates e discussões sobre o lugar da mulher negra na sociedade, polemizam a questão da solidão da mulher negra, vivem com mais desenvoltura a sua sexualidade.

Essa juventude, principalmente as mulheres, realiza marchas do Orgulho Crespo, ações como o Encrespa Geral, eventos de empoderamento crespo, páginas específicas no *facebook*, programas no *Youtube*, *blogs* e tutoriais de beleza negra. Compreendem como o corpo e o cabelo são importantes símbolos de construção da identidade negra.

Nas universidades fundam-se coletivos de estudantes negros, bem como na Educação Básica, organizados de forma autônoma e que, muitas vezes, acabam por representar mais os estudantes do que as formas convencionais do movimento estudantil. Esses coletivos são responsáveis por retomar a leitura de autoras e autores negros brasileiros e estrangeiros que refletem sobre racismo, feminismo negro, relações raciais e educação, muitos dos quais suas obras que não eram conhecidas e nem estudadas nas licenciaturas, bacharelados e pós-graduação.

Os saberes estéticos-corpóreos também fazem parte de uma série de lutas e ensinamentos das mulheres negras. Numa articulação internacional, as mulheres negras ativistas construíram politicamente o Dia da Mulher Afrolatinoamericana e Afrocaribenha, dia 25 de julho. No Brasil, essa data ganhou uma amplitude institucional

e passou a fazer parte do processo de reeducação do Estado brasileiro em relação ao reconhecimento da luta das mulheres negras.

Um dos resultados dessa luta é a sanção presidencial da Lei nº 12.987, de 2 de junho de 2014, decretando o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, a ser comemorado, anualmente, em 25 de julho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS A APONTAR?

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização, com todas as tensões, os desafios, as ambiguidades, as disputas e os limites, muito do que hoje o Brasil sabe e vive sobre a questão racial e africana não teria sido aprendido e consolidado. Muito do que hoje se produz sobre a temática racial, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. A nossa negritude e a nossa afrobrasilidade ocupam espaços.

Contudo, essas ações se encontram em um campo mais complexo: à medida que o movimento negro aprimora a sua luta por emancipação social e pela superação do racismo, mais se intensifica a variedade de formas de opressão e de dominação contra as quais ele tem que se contrapor, bem como se amplia a multiplicidade de escalas (local, nacional e transnacional) das lutas em que ele se envolve (Santos, 2006).

Esse processo exige a construção de outras formas de organização política, que produzirão novos conhecimentos e pedagogias.

Diante do momento político e histórico brasileiro que vivemos, no Brasil, abordado no início desse artigo, no qual a incerteza de que um outro mundo é possível parece nos assombrar, todo esse processo de saberes construídos na luta realizado pelo Movimento Negro nos impele a uma afirmação: não podemos retroceder. Não podemos deixar que forças oprimidas façam retroceder avanços históricos da luta antirracista que representam conquistas e aprimoramento da democracia não somente para a população negra, mas para todo o país.

Um país sem racismo é aquele no qual as diferentes presenças encontram um lugar digno para se viver. É aquele no qual as pessoas têm o direito de ser quem são e são respeitadas. É aquele em que a raça, ressignificada social e politicamente, se torna uma categoria para a garantia de direitos e de inclusão e não de exclusão. O Estado se compromete a realizar políticas de igualdade racial como parte do seu dever

democrático, o campo do conhecimento reconhece a raça como uma importante categoria de análise para interpretar e compreender a realidade social, econômica e política e a universidade a reconhece como um importante elemento na construção das políticas de acesso e de permanência.

Os tempos de incertezas nos provocam a levantar outras problematizações na discussão sobre as relações raciais e diáspora africana que indaguem os padrões de raça, conhecimento e poder.

O Movimento Negro, na sua configuração complexa e dinâmica, é desafiado a produzir novos conhecimentos e fronteiras de resistência em tempos de incertezas e de golpe, pois os golpes afetam drasticamente a vida das negras e dos negros. Afeta as nossas conquistas democráticas, por mais que reconheçamos que elas ainda precisam avançar e muito para serem antirracistas.

Em tempos de incertezas, é preciso construir uma resistência democrática antirracista radical e novas fronteiras de conhecimento. Negritude e afrobrasilidades têm a potência de uma articulação emancipatória e de produção de novos conhecimentos capazes de nos mobilizar à ação, produzindo uma outra forma de indignação: uma indignação antirracista e diaspórica.

Essa indignação antirracista e diaspórica é construída por meio da articulação dos saberes/conhecimentos identitários, políticos e estético-corpóreos produzidos historicamente pelas negras e negros e sistematizados pelo Movimento Negro. Saberes que, quando acionados na sua força e potência, são capazes de implodir as relações de poder de forma criativa, assertiva e revolucionária.

Em fevereiro de 2018, o Brasil e o mundo assistiram a esses saberes/conhecimentos sendo acionados pela Escola de Samba Paraíso do Tuiuti no seu samba enredo e performance repletos de reflexão e de crítica ao momento político e econômico atual e aos 130 anos de abolição inacabada.⁶

⁶ G.R.E.S Paraíso do Tuiuti, letra do Samba Enredo 2018 - *Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?*

Não sou escravo de nenhum senhor/Meu Paraíso é meu bastião/Meu Tuiuti, o quilombo da favela/É sentinela na libertação/Irmão de olho claro ou da Guiné/Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado/Senhor, eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor/Tenho sangue avermelhado/O mesmo que escorre da ferida/Mostra que a vida se lamenta por nós dois/Mas falta em seu peito um coração/Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com arroz/Eu fui mandiga, cambinda, haussá/Fui um Rei Egbá preso na corrente/Sofri nos braços de um capataz/Morri nos canaviais onde se plantava gente/Ê, Calunga, ê! Ê, Calunga!/Preto Velho me contou, Preto Velho me contou/Onde mora a Senhora Liberdade/Não tem ferro nem feitor/Ê, Calunga/Preto Velho me contou/Onde mora a Senhora Liberdade/Não tem ferro nem feitor/Amparo do Rosário ao negro Benedito/Um grito feito pele do tambor/Deu no noticiário, com



Na letra do samba enredo, nas fantasias, na representação feita pela comissão de frente, nas alas da escola de samba, nos destaques, nas cores, na vibração e no protagonismo dos corpos negros da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo viram a potência dos saberes/conhecimentos identitários, políticos e estético-corpóreos sistematizados pelo Movimento Negro em ação. Saberes que assim como a ginga da capoeira e a coragem quilombola desnudaram para o mundo os tempos de incertezas e o golpe parlamentar que vivemos, a desigualdade e a opressão racial ainda vivida pelo povo negro.

É possível afirmar que os saberes identitários, políticos e estético-corpóreos que expressam a nossa negritude e afrobrasilidade e que se fizeram presentes na arguta letra do samba-enredo e na estética da escola de samba em questão, lançam luz sobre uma máxima que atravessa a história de luta dos africanos escravizados e trazidos à força para o Brasil e de todas e todos os seus descendentes.

É a certeza de continuar lutando. Parafraseando e retomando a mensagem do samba-enredo da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti: *nós, negras e negros brasileiros, não somos escravas e nem escravos de nenhum senhor.*

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. Prefácio. In: HENRIQUES, Ricardo. *Raça e cor nos sistemas de ensino*. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 7-10.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 15, p. 134-158, set.-dez. 2000.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

Recebido em junho de 2018
Aprovado em setembro de 2018

lágrimas escrito/Um rito, uma luta, um homem de cor/E assim, quando a lei foi assinada/Uma lua atordoada assistiu fogos no céu/Áurea feito o ouro da bandeira/Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel/Meu Deus! Meu Deus!/Se eu chorar, não leve a mal/Pela luz do candeeiro/Liberte o cativo social/Meu Deus! Meu Deus!/Se eu chorar, não leve a mal/Pela luz do candeeiro/Liberte o cativo social.